Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos desta obra resultam da imaginação da autora, ou foram utilizados como entidades fictícias. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência. A autora reconhece a condição de marca registada de várias marcas que cita na obra, sem a autorização dos titulares de direitos. A menção dessas marcas não implica um patrocínio da obra por parte dos proprietários.

Para J., por ser TUDO.
E para Dani, o meu floco de neve.

E enquanto te sentir,
serás para mim, dor,
a prova de outra vida
em que não me doías.
A grande prova, ao longe,
de que existiu, de que existe,
de que me quis, sim,
de que ainda a estou a querer.

Pedro Salinas, *Não quero que te vás*

«E é que o bafo do frio teria revelado o que o meu coração
está a começar a transmitir a cada batida.
Ouve-se quando o medo dorme e as inseguranças
se transformam em cinzas uma vez por mês.»

Daniel Ojeda, ***Come-me se te atreves***

1

De que foges tu, Heather?

Poderia ter escolhido qualquer outro lugar.

Mas estou aqui, neste canto inóspito. O bafo escapa da minha boca e forma silhuetas torcidas no ar. Não sei para onde ir, pelo que paraliso durante um minuto no meio da rua solitária desta vila esquecida. O anoraque roxo que visto, fechado até cima, não protege do frio que me penetra os ossos. Arrepio-me. E, depois, olho para o telemóvel pela sexta vez consecutiva a fim de verificar que continuo sem rede; o mais provável é que não volte a tê-la por muito tempo.

Este lugar não se assemelha em nada ao póster que, em pequena, fixei com pioneses frente à minha cama. A imagem mostrava um lago enorme, cristalino, rodeado de montanhas de picos gelados e um prado verde-esmeralda, onde um urso fitava a câmara. Na parte inferior, com letras curvas e elegantes, lia-se: «Alasca».

Não vejo nada disso. Não vislumbro encostas sem fim, nem animais a brincar na relva, embora distinga os contornos das montanhas. Creio. Está tudo tão escuro que é difícil ter a certeza.

Gastei praticamente todas as minhas poupanças numa passagem de avião, noutra de comboio e no táxi que me trouxe até aqui, e sucede que Inovik Lake nem sequer é maior do que o bairro onde vivia em São Francisco, e o que sei sobre este lugar é que se situa dentro da área censual de Southeast Fairbanks. Quase todas as casas da vila são de madeira, vermelhas ou azuis, e parecem saídas de um postal dos anos sessenta, com telhados de duas águas e chaminés que expelem fumo.

Tudo está tranquilo...

Não estou habituada à tranquilidade.

Preciso de um cigarro. É uma pena ter jurado que não voltava a fumar. Os nervos ajudam-me a superar este tipo de paralisia e treme-me a mão quando vasculho no bolso das calças de ganga até encontrar o pequeno papel em que apontei o raio da morada... Vejamos, «placa de madeira à entrada, direita, em frente quase um quilómetro em direção ao lago, número 19». Foi o que consegui anotar quando o senhorio me gritava ao telefone e eu tentava não perder o fio à meada. Era um homem bastante desagradável, mas presumo que com um preço baixo não seja de esperar simpatia e sorrisos. Também não me dei ao trabalho de procurar muito mais; foi a terceira casa para a qual liguei daquela página de anúncios de arrendamento. Organizei a viagem num tempo recorde durante os três dias que passei escondida e a choramingar como uma pirralha numa pensão mal-afamada.

Decido que é hora de avançar pelo caminho que os meus rabiscos indicam. Afasta-se da vila. É um trilho não pavimentado de areia fina, que a humidade tornou um pouco lamacento, dificultando o arrastar das duas malas que trago. As árvores, altas e densas, erguem-se de ambos os lados, e o vento sibila por entre os ramos retorcidos. Alguns minutos depois noto que a escuridão envolvente é avassaladora e que as poucas luzes de Inovik Lake ficaram para trás, tão ténues que mal discirno a distância a que se encontram.

O que me deu para arrendar uma casa nos arredores?...

O barulho das malas deixa-me ainda mais inquieta. Escuto também o piar de algumas aves nas proximidades. Nervosa, humedeço os lábios. De repente, tomo consciência, de maneira dolorosa, de que ninguém sabe onde estou, pelo que poderia morrer aqui mesmo, neste momento, devorada por um alce ou outro bicho do género, que ninguém viria em meu socorro. É até provável que a família só desse pela minha ausência várias semanas depois. E o pior é que entendo essa indiferença; aliás, surpreende-me que não me odeiem. Isso seria mais fácil, seria como partir um osso de um só golpe em vez de o ir lascando...

As memórias agridoces são relegadas para segundo plano assim que ouço uma espécie de uivo arrepiante. Fico com a pele eriçada. Distingo

passadas velozes, como se alguém desesperado se aproximasse. O sabor do medo sobe-me pela garganta. Não vejo nada, está tudo envolto em escuridão. Mal consigo pensar no que faço quando largo as malas, dou meia-volta e começo a correr. Por sorte, é a única coisa que sei fazer, em que sou boa: correr. No entanto, e desta vez, parece que não sou suficientemente rápida. Grito. Não sei o que se passa, mas sinto o perigo quase a tocar-me nas costas, demasiado próximo. Quando tento acelerar, tropeço e desequilibro-me. Merda! Enquanto caio de frente só penso que estou metida em mais um grande sarilho. Procuro-os, imagino-os, encontro-os.

Raspo a palma das mãos ao amortecer a queda. Tremo quando consigo virar-me. E é então que o vejo.

É um lobo. Um lobo.

Tem o pelo comprido, branco e cinzento. Abre a boca e solta um uivo. Não é particularmente grande, mas os seus dentes são afiados. Fico sem fôlego; arrasto-me para trás pelo caminho de terra, incapaz de desviar o olhar do animal. Num abrir e fechar de olhos, ele avança e, juntamente com o movimento das suas patas, ouço uma voz ao longe; é grave, forte e reconforta-me de imediato.

— *Caos*! *Caos*, raios te partam!

Mas seja quem for, não chega a tempo. O lobo ignora-o e avança na minha direção. O meu coração dispara. *Pum, pum, pum, pum,* ouço os batimentos do coração a ressoar no peito, na cabeça, nos ouvidos, e tenho a boca tão seca que não consigo engolir saliva. Fecho os olhos com força quando se detém à minha frente e, antes que eu dê por isso, ele está em cima de mim, a farejar-me e... a lamber-me?

— *Caos*, já chega! Maldito rafeiro!

Um homem aparece por entre as sombras e puxa o animal para trás, segurando-o pela coleira. Respiro fundo; sinto-me a sufocar e, por reflexo, levo uma mão ao peito. O animal solta um rosnado leve enquanto o desconhecido me aponta a lanterna que tem na mão.

— O que faz aqui uma rapariga como tu?

— Eu só... — Respiro fundo enquanto me levanto. — Procurava o número 19, frente ao lago. Sabe onde fica?

Só os gemidos abafados emitidos pelo cão, que continua a parecer mais um lobo do que outra coisa, interrompem o silêncio da noite. O homem esfrega a barba com a palma da mão enquanto me observa atentamente, como se tentasse decifrar uma espécie de enigma ambulante. Semicerro os olhos quando ele volta a apontar-me a lanterna e começo a suspeitar que talvez ele seja até mais perigoso do que o animal.

— Fica a uns cinco minutos. Não devias andar sozinha por aqui. — Vira-se e direciona o feixe de luz fraco para as malas. — São tuas?

— Sim, deixei-as para trás quando fui atacada pelo cão.

Parece achar o meu comentário muito engraçado, já que solta uma gargalhada. Olho-o de soslaio enquanto pondero se posso confiar nele. Deve rondar os cinquenta anos, é imponente e creio que o seu cabelo tem um tom acobreado ou é mesmo ruivo; é difícil distinguir na escuridão. O cão não desvia os olhos de mim quando me movo para me aproximar das malas.

— O *Caos* não ataca, podes ficar descansada. Aliás, gosta de ti. Estava a lamber-te.

— Ah, que bom. Adoro que me lambam — resmungo. — Cinco minutos, sempre em frente? Não há como errar?

— Nós acompanhamos-te.

— Não é necessário.

— Moro mesmo ao lado.

— Está bem.

— Deixa-me ajudar-te com as malas. — Estou quase a dizer-lhe que não o faça, quando de repente o cansaço acumulado pelos acontecimentos dos últimos dias e a viagem apressada se apoderam de mim. — Tenho de soltar o *Caos* para pegar nelas, parece-te bem?

— Não, não sei se é boa ideia...

— Prometo que não te fará mal. Confia em mim. Já agora, chamo-me John Bale — estende-me a mão e demoro alguns segundos a apertá-la, mas faço-o. Tem a pele calosa, dura e áspera.

— Heather Green.

— Deixa-o cheirar-te. É estranho teres despertado a sua curiosidade. O *Caos* não é dado a estímulos — murmura baixinho antes de o soltar. O cão avança para mim. Dou um passo atrás e tento ignorar o medo.

Ele cheira-me devagar, começando pelos pés e subindo, até se esticar sobre as patas traseiras. Sem deixar de lhe apontar a lanterna, o John chama a sua atenção e ele baixa de novo a cabeça para continuar a mover-se à minha volta. Depois do que parece uma eternidade, senta-se, põe a língua de fora e olha-me fixamente. Lindo menino. Estendo-lhe a mão com cuidado. Nunca tive medo de cães, mas este não se parece nada com os que costumam pulular pela cidade, e o facto de me ter perseguido como um louco durante a noite, no meio de uma floresta, não foi nada divertido. O cão lambe-me a mão e faz-me cócegas.

— Vamos — manda o John, enquanto me passa a lanterna e pega nas malas como se não tivessem peso. Ele possui uma daquelas vozes vigorosas que não deixam espaço para muitas réplicas. Sigo-o em silêncio. O *Caos* caminha ao meu lado com a língua de fora. Não sei o que esperava encontrar aqui, mas não era isto. É tudo tão estranho que nem sequer me dou ao trabalho de o analisar. Há menos de um dia estava em São Francisco. E uma semana antes pensava que ainda seria possível endireitar a vida. Dadas as circunstâncias, talvez seja melhor deixar as coisas fluírem, ser levada pela corrente sem resistir.

Não passaram nem três minutos desde que caminhamos e sinto de novo vontade de procurar o maço de tabaco inexistente no bolso do casaco, e lembro-me de que não tenho cigarros, quando enfio a mão lá dentro. Odeio as pessoas que dizem que deixar de fumar é fácil. Ah! E é uma merda. É horrível.

Fico mais tranquila assim que avisto a quietude do enorme lago; as estrelas estão refletidas na superfície, a cintilar, como se um monte de pequenos cristais tivesse caído do céu. Respiro fundo e, pela primeira vez, reparo no aroma que paira no ar, a erva, a terra húmida, a casca de árvore.

— É ali. — O John aponta para a casa de madeira à direita e avança até ao alpendre a fim de deixar as duas malas. — Não voltes a sair sem conhecer bem a zona; não serias a primeira nem a última pessoa a perder-se nestas florestas. — Eu não sabia que alguém podia falar com grunhidos, mas ele faz isso.

— Obrigada por tudo.

Estendo-lhe a lanterna, mas o John recusa.

— Fica com ela. Se precisares de alguma coisa, a minha casa está por ali — aponta para um ponto distante, no qual consigo entrever um telhado de duas águas na penumbra. — Não faço ideia do que alguém como tu possa procurar aqui, mas seja o que for, não o encontrarás. Enganaste-te no sítio, miúda. Ainda assim, boa sorte.

Ele desce os degraus do alpendre e agarra de novo no *Caos* ao ver que ele se recusa a ir-se embora. Volto-me quando já está a alguns metros.

— O que há de tão mau neste lugar?

— Frio, solidão, tédio.

— Então acho-o perfeito.

— Se o dizes...

Depois de ver o John desaparecer na escuridão, encontro as chaves da casa debaixo da tábua do segundo degrau, tal como o dono me indicou ao telefone. Acendo as luzes ao entrar. É uma pequena cabana de madeira, com aspeto confortável, embora faça um frio de rachar. Há pó em cada canto e nos poucos móveis da sala. Só tem um quarto, suficientemente grande para uma cama de casal e uma mesinha de cabeceira que parece feita à mão, a julgar pelas imperfeições evidentes na madeira de pinho. A cozinha é austera e mal cabem duas pessoas lá dentro. Inspeciono a casa de banho e acabo por me sentar no sofá da sala. Não há televisão, apenas uma lareira que não sei acender, e um tapete colorido que lembra os que aparecem nos filmes de índios.

Estou com frio, fome e uma enorme vontade de fumar.

Mas não tenho cobertores, nem comida, nem cigarros.

Nem sequer tenho consciência do momento em que paro de pensar em todas as pessoas que deixei para trás e enrosco-me no sofá, enquanto cedo a um sono profundo que me envolve nos braços.

Acordo com o som de pancadas na porta.

Levo alguns segundos a situar-me quando abro os olhos e deparo com um teto de madeira que não reconheço. Cambaleio ao levantar-me, desloco-me até à porta e abro-a. Um cão começa a ladrar descontroladamente.

— Raios te partam, *Caos*, volta para perto dos outros! — exclama o John, olhando contrariado para o animal. O cão ignora-o e senta-se

no meu alpendre, mostrando-se feliz. À luz do dia, é muito bonito. Dá vontade de enfiar as mãos no seu pelo macio, e os seus olhos, de um azul chamativo, observam tudo com uma curiosidade invulgar. — Ainda é um cachorro, e fazê-lo comportar-se está a ser mais difícil do que era suposto — resmunga o dono. — Toma, fui ao centro cedo. Pensei que não terias nada para comer.

Ele oferece-me um saco castanho com um *donut* caseiro e café ainda quente. Olho-o, hesitante. Não sei se devo chorar de gratidão ou fechar-lhe a porta na cara. Ainda não percebi se é perigoso, mas se quisesse fazer-me mal, já teve uma oportunidade na noite passada e não a aproveitou. Portanto...

— Obrigada. Não era preciso.

— Detesto ver como meninas inocentes passam fome. Tinhas de vir parar logo aqui, raios — murmura. — Esta juventude estranha de hoje em dia...

Posso ser muitas coisas, mas «inocente» não é uma delas.

Também não tenho a intenção de partilhar o meu passado turbulento com este homem de bem; assim, abstenho-me de acrescentar seja o que for e agradeço-lhe pela segunda vez. O John analisa-me enquanto o *Caos* espreita nervoso por entre as suas pernas. Estou vestida com a mesma roupa de ontem e, depois de vários dias a chorar, devo ter um ar terrível.

— Devias lavar o rosto. As raparigas daqui não usam tanta porcaria escura. — Ele esfrega a barba, ainda pensativo; é mais ruivo do que moreno e os seus olhos são pequenos e escuros, apercebo-me de uma certa melancolia neles.

— É apenas sombra de olhos — explico. — E, por falar nisso, há lojas em Inovik Lake? Preciso de comprar algumas coisas.

O John Bale olha-me como se eu fosse uma espécie de castigo inevitável que bateu à sua porta sem avisar. O *Caos* consegue distraí-lo por um segundo e aproxima-se mais de mim. Acaricio-o, ainda sem me sentir segura. Apesar de ser apenas um cachorro, continua a parecer um lobo, e tem um ar adorável e perigoso ao mesmo tempo, se é que essa combinação é possível.

— És de onde? — pergunta.

— De São Francisco.

— O que sabes sobre o Alasca?

— Que faz muito frio?

— Muito engraçada. Quantos anos tens?

— Vinte e dois — levanto o queixo. — E tu?

— Devias tratar-me por você... — responde. — Fiz cinquenta e seis há uma semana, por isso ouve a voz da experiência e acredita quando te digo que o melhor que podes fazer é dar meia-volta e regressar ao sítio de onde vieste. Aqui não há nada para alguém como tu.

Olho-o zangada e fecho a porta de casa antes que o *Caos* comece a rondar-me. Estou habituada a que todos queiram ver-me longe, mas costumam esperar que eu estrague tudo antes de me mandarem embora. Preparo-me para responder à altura quando o meu olhar se depara com a paisagem que se estende sob o céu cinzento e nublado.

É incrível. E tão bonito que parece irreal.

Se excluirmos o pormenor do urso, não fica nada atrás do póster que pendurei no meu quarto. O John permanece ao meu lado, em silêncio, observando, enquanto me aproximo do corrimão de madeira, ao qual me seguro com uma mão. Ainda tenho o saco com o pequeno-almoço quando admiro o lago calmo, brilhante e azul, a contrastar com o verde das árvores e com uma espécie de musgo suave que cobre o chão. As montanhas, pontiagudas e irregulares, como se tivessem sido cortadas por uma criança com tesoura, têm neve no cume e parecem olhar-se ao espelho na água.

Percebo que estou a sorrir.

Não sorria havia uma eternidade.

— Vou ficar. Quero estar aqui.

— E como vais viver, miúda?

— Vou procurar trabalho na vila. Deve haver alguma coisa, não?

— Caramba! — resmunga. — Anda, *Caos*, mexe-te de uma vez! — ordena, e vejo-os afastarem-se pelo caminho que leva até à sua casa, uma cabana três vezes maior do que a minha, com um alpendre gigante, também de madeira, e uma espécie de segunda habitação um pouco

mais à frente, que parece um barracão. Ouvem-se mais latidos. Não sei quantos cães terá, mas pelo que ouço, diria que «bastantes» é pouco.

Entro em casa, abro uma das malas, troco de roupa e saio de novo. Vesti uma camisola branca com capuz, o anoraque, calças de ganga e calcei botas macias com pelo por dentro.

Desço até ao cais, maravilhada com tudo o que vejo. É como viver dentro de um postal. Sento-me com as pernas cruzadas e sinto um frio intenso quando o vento sopra com mais força. Não me incomoda. De facto, não me incomoda que o resto do mundo pense que o Alasca é um pedaço de gelo perdido no meio do nada, porque o acho um lugar vibrante, diferente e muito vivo.

Acabo de dar a primeira dentada no *donut*, que está delicioso, quando vejo o *Caos* no início do cais, a caminhar na minha direção com as suas patas firmes.

— Estás obcecado comigo? — pergunto-lhe, saboreando um gole de café.

Ele não responde, obviamente, mas senta-se ao meu lado e acompanha-me na contemplação da paisagem com uma atitude tranquila, como se nos conhecêssemos desde sempre. Tem as orelhas pontiagudas e bate com a cauda nas tábuas.

Bem, suponho que poderia ser pior.

A companhia, quero dizer.

Encolho os ombros e termino o pequeno-almoço com o cachorro ao lado. Quando me levanto e regresso pelo mesmo percurso, ele segue-me. Dirijo-me à casa do John Bale, mais acima, subindo pelo caminho que na noite passada achei sombrio e agora considero tudo menos assustador. De facto, lembra-me aqueles trilhos dos contos de fadas, cercados por abetos e plantas selvagens com pequenas flores que parecem ter sido desenhadas com a ponta muito fina de um pincel, mãos delicadas e pulso firme.

Encontro-o alguns metros antes de chegar à casa, carregado com vários troncos que acabou de cortar. Vejo alguns cães enormes ao longe, atrás do abrigo, mas evito fazer perguntas. É tudo um pouco estranho. O próprio John é estranho. Julgo que é por isso que gosto dele, porque houve alturas em que também me senti assim.

— Vou até Inovik Lake — anuncio, como se fosse um acontecimento. — Estou a dizer isto porque o *Caos* não para de me seguir.

— Então continuas determinada em ficar aqui.

— Precisamente.

— Miúda teimosa — murmura baixinho antes de pousar os troncos no chão e se aproximar para agarrar o cão pela coleira. Parece que fala por grunhidos, juntando muito as palavras. — Vai-te embora antes que ele te siga, não sei que fixação tem por ti. E passa pelo Bar Lemmini e diz que vais da minha parte. Talvez lá tenham qualquer coisa para ti.

— Qualquer coisa para mim?

— Trabalho — responde secamente.

— Ah, entendi. Nesse caso... obrigada mais uma vez, suponho.

Percorro o caminho em menos de dez minutos, em passo rápido. Sinto falta de correr, porque é a única coisa boa que sei fazer; calçar os ténis e deixar-me ir sem pensar em nada, sem olhar para trás, sem amarras.

Tudo parece diferente à luz do dia.

Inovik Lake continua a parecer-me pequena, mas não é uma aldeia, nem de perto. Há uma rua principal que atravessa a vila de uma ponta à outra e guardo-a como referência. Dos dois lados alinham-se casas com o mesmo padrão; a originalidade brilha pela ausência. Deambulo um pouco perdida, a observar todos os estabelecimentos e a tentar memorizar onde fica cada coisa. O supermercado está localizado no centro e não poderia competir nem sequer com uma mercearia de bairro de São Francisco. Espero que tenham barras *Twix*, porque preciso delas para sobreviver.

Tusso quando uma idosa está prestes a entrar no supermercado, instando-a a parar. Tem o capuz do casaco posto na cabeça e um rosto enrugado, mas amável, lembrando-me o de um esquimó: a pele morena, os olhos rasgados e o nariz achatado e largo.

— Desculpe, procuro o Bar Lemmini. Pode dizer-me onde fica?

— Não és daqui. Este não é lugar para alguém como tu.

— Obrigada pela atenção, de qualquer forma — murmuro, virando-me. É incrível que tenha fugido para o lugar mais isolado do país e que nem aqui suportem a minha presença. Que sorte a minha!

Aclara a garganta antes de falar:

— Já passaste por ele. Fica duas ruas atrás, virando à esquerda — diz, lançando-me um olhar indagador e algo desconcertante. — Bem-vinda a Inovik Lake. Veremos se ainda estás aqui quando chegar o frio.

Como assim «quando chegar o frio?» E o que acontece agora, afinal? Calor? Abro a boca decidida a aprofundar o tema, mas já está a entrar no supermercado; olha-me fixamente enquanto fecha a porta de vidro.

Sigo as suas indicações e volto atrás.

De facto, o bar fica numa rua estreita, a alguns metros da rua principal. Há um pequeno letreiro de madeira à entrada e, visto de fora, o local parece sombrio e antigo, como se ninguém renovasse o mobiliário há décadas. Quando entro, ouvem-se uns sinos a tocar que pendem da porta. O espaço está vazio, não há ninguém atrás do balcão e cheira a *bacon*, porque o meu estômago ronca como reação; continuo com fome. Inspeciono os quadros pequenos e empoeirados que adornam uma das paredes, ao lado do leme de um barco de madeira com redes penduradas. Que típico. Estou prestes a estender a mão para tocar no que parece ser um osso de um animal exposto como se fosse um troféu, quando uma voz seca surge atrás de mim.

— O que queres?

Volto-me surpreendida e pronta para responder, mas mudo de ideias assim que encontro os seus olhos. Esses olhos. Azuis, frios e impactantes. O seu olhar prende-me, tem qualquer coisa de cativante que faz com que as minhas pulsações disparem. Engulo em seco com dificuldade. Deixei de sentir frio. A sério. Foi como viajar do Ártico para o deserto num segundo.

Embora não seja propriamente baixa, sinto-me pequena ao seu lado; deve rondar o metro e noventa, e a sua presença invade e apodera-se de cada canto; seria impossível alguém como ele passar despercebido. Tem o cabelo escuro e as faces marcadas, a combinar com o queixo e o resto dos traços. Não seria justo dizer que é meramente «bonito», porque há *algo* mais nele, *algo* que me parece terrivelmente fascinante. Nunca senti nada parecido.

Não acredito no amor à primeira vista.

Nem no amor, já agora.

Mas sim, acredito no sexo.

Afasto uma madeixa de cabelo escuro para trás da orelha e tento acalmar-me.

— Vinha pelo trabalho.

— Que trabalho?

A sua voz é rouca e áspera. Ele olha-me de forma imperturbável.

— Não sei. Imagino que como empregada de mesa, talvez. Espero, porque não sou boa a cozinhar. Quanto pagas por hora?

— Desaparece.

— Desculpa?

— Desaparece da minha vista.

Tenho de admitir que o rapaz é bastante direto, não se perde em rodeios, mas ainda assim apanha-me desprevenida e fico alguns segundos a olhá-lo como uma tonta. Porque me odeiam todos os habitantes desta vila? Talvez consigam captar a alma das pessoas, ver os seus segredos mais sombrios e inconfessáveis.

Tento pensar numa resposta articulada e inteligente, como, por exemplo, «és um idiota», mas antes que consiga dizê-lo, um jovem loiro aparece na soleira da porta que dá para o armazém ou para a cozinha. Alguns fios dourados escapam do gorro de lã vermelho que usa e um par de auscultadores pende do seu pescoço.

— O que se passa aqui? — Ele observa-me com interesse, antes de desviar o olhar para o idiota mal-humorado que ainda está ao meu lado; parece ser um amargurado experiente ou demasiado convencido.

— Nada. A rapariga, que se enganou no sítio — responde com um tom de voz profundo, e faço um esforço para ignorar a irritação que isso me provoca.

— Não me enganei! — Estendo a mão ao seu colega, que a aceita com um sorriso caloroso. — Chamo-me Heather Green e disseram-me que poderia arranjar trabalho aqui. Consigo fazer qualquer coisa, embora a cozinha não seja o meu forte. Mas aprendo, a sério — debito, de repente.

— Seth Kaine — responde antes de soltar os meus dedos. — Quem disse que estávamos à procura de alguém?

Não quero aproveitar-me mais do meu amável vizinho, mas ele disse-me que mencionasse o seu nome, portanto...

— O John Bale.

— Caramba! — O rapaz alto e mal-humorado move-se atrás de mim e aproxima-se de uma das mesas para pegar no maço de tabaco e no isqueiro ali pousados. Quando tira um cigarro, reparo na cicatriz que tem no braço. É uma linha reta e rugosa que começa no pulso e chega até onde a manga da camisola está dobrada. Ele coloca o cigarro na boca, mas antes de conseguir acendê-lo, o outro rapaz tira-lho.

— Ei, nada de fumar aqui dentro.

— Está bem — responde, fulminando-me com o olhar. — O que sabes fazer?

— Dar lições a idiotas como tu — respondo, cruzando os braços.

— Essa foi boa! — ri-se o Seth. O outro, não. Nem um pouco.

— Está bem, vais ser boa para lidar com os turistas animados que andam por aqui aos fins de semana. Irás trabalhar das quatro às nove, a servir jantares até fecharmos, percebeste? Pagamos doze dólares por hora, no final do mês. Fechamos às segundas e dois domingos por mês. Começas amanhã. Não quero nem uma maldita queixa. Se não gostares, a porta da rua é a serventia da casa.

O seu tom de voz é gelado.

Ele pega no cigarro que o Seth ainda segura na mão e desaparece como um relâmpago, batendo com a porta. Minha nossa, não quero imaginar como será pela manhã se for dos que acordam maldispostos. Incomodada, levo uma mão à boca e roo a unha do dedo mindinho. Suponho que qualquer coisa é melhor do que nada, ao menos consegui trabalho.

— É adorável — constato.

— Um poço de ternura. — O Seth ri-se de novo. — Hoje, apanhaste-o num bom dia. Vem, vou mostrar-te a cozinha e explicar-te por alto como funcionamos, embora seja bastante simples. — Sigo-o sem contestar. — Não ligues ao Nilak, a sociabilidade não é o seu forte, mas vai habituar-se à tua presença aqui. Ele costuma estar atrás do balcão, a servir bebidas e a tomar nota dos pedidos. Agora, vais encarregar-te

tu disso, está bem? Apontas o pedido num papelinho com o número da mesa e passas-mo, pois encarrego-me da cozinha.

— Está bem.

— Por norma, as pessoas da região são simpáticas. Costumam aparecer ao final da tarde para tomar qualquer coisa ou jantar, embora o que fazemos aqui seja básico: pratos típicos, fritos, peixe fresco pescado no dia ou outras coisas do género. — Ele move-se com desenvoltura pela cozinha, que é espaçosa e está limpa, nada que ver com o que eu imaginara. O Seth parece mais jovem do que o sócio; presumo que tenha a minha idade. — Nos fins de semana, vem mais gente, turistas e montanhistas que vão ao pico Dima e param aqui porque fica a caminho.

— O pico Dima?

— É uma montanha muito famosa localizada aqui perto e que é procurada por escaladores ou turistas curiosos. No Alasca, estão dezassete das vinte montanhas mais altas dos Estados Unidos, não sabias?

— Não.

— Vens de muito longe, não é? Ele apoia-se num móvel da cozinha e cruza os braços. Olha-me de cima a baixo pela segunda vez desde que nos conhecemos e, agora, parece mais divertido do que outra coisa.

— Porque te ris tanto?

— Por nada. O teu aspeto. Com toda essa maquilhagem na cara. — O seu sorriso abre-se ainda mais; gostaria de o odiar, mas é demasiado transparente. As pessoas transparentes tendem a agradar-me. — És de onde?

— São Francisco.

— Ah, isso explica tudo.

— Não te ofendas, mas não percebo. Tanto tu como o teu amigo, esse... Nilak, são estranhos. Bem, na verdade, quase toda a gente que conheci por aqui é estranha. O frio afeta-vos de alguma forma?

Ele solta uma gargalhada. Parece uma daquelas pessoas difíceis de irritar.

— Acho curioso que alguém de um lugar agradável e quente venha para aqui, é só isso; normalmente, acontece o contrário. As pessoas fogem do frio. — Semicerra os olhos ao olhar para mim. — De que foges, Heather?

— Não fujo.

— Devias treinar melhor as tuas expressões quando mentes. Aqui terás tempo de sobra, já que não há nada melhor para fazer. Vá, vamos lá, vou mostrar-te o armazém.

Ele explica-me como se organizam as caixas que contêm as bebidas e a comida não perecível, e com que frequência chegam os produtos, assim como o que deve ser feito no dia em que isso sucede. Depois, quando voltamos à zona aberta ao público, despedimo-nos com um aperto de mãos estranho. O Seth parece satisfeito e lembra-me que o meu turno começa amanhã às quatro. Asseguro-lhe que serei pontual.

O Nilak está apoiado na parede da rua estreita. Tem o olhar fixado num céu que ameaça tempestade e segura um cigarro na mão direita. Deve ser o segundo. Talvez o terceiro. Não sei, mas faço um esforço para não me atirar a ele e arrancar-lho. Preciso de nicotina. O Nilak dá uma longa passa no cigarro enquanto desvia o olhar gélido para o meu rosto. O fumo serpenteia no ar ao escapar dos seus lábios entreabertos. É hipnótico. Quero aqueles lábios. Quero aquele fumo. Parece-me a combinação perfeita, até me lembrar como ele é idiota. Enfim. Os embrulhos mais brilhantes e chamativos costumam ser os de pior qualidade; trabalha-se o exterior vistoso para que ninguém repare no resto, que é o que importa.

— Até amanhã — digo num tom seco.

Ele faz um grunhido, atira o cigarro ao chão e entra no bar. Fico alguns segundos a olhar para a beata. Seria demasiado patético apanhá-la? Acho que sim. Inspiro fundo, viro-me e volto ao supermercado no qual me encontrei antes com aquela idosa. Pego em algumas provisões básicas, poucas, porque terei de carregar os sacos até à cabana. Sucede que a operadora de caixa nem sequer sabe o que são as barras de chocolate *Twix*. Genial. Adeus a um dos grandes amores da minha vida.

Depois dos primeiros dois minutos de caminhada começo a arrepender-me de ter pegado em tanto peso, mas cerro os dentes e faço um esforço e, de repente, ao dobrar uma curva apertada na estrada, vejo-o ali, sentado à beira do passeio.

Espera-me. A mim. Só a mim.

Ofereço-lhe um sorriso enorme.

— Acho que és o único que quer que eu fique por aqui.

O *Caos* ladra alegremente, como se entendesse as minhas palavras, e avança ao meu ritmo, acompanhando-me durante o resto do trajeto. A sua presença reconforta-me.

Imagino o que a minha família pensaria se soubessem que estou no Alasca; embora estejam habituados a ver-me desaparecer com frequência, em algum momento terei de os avisar. E a Alison? Oh, céus, provavelmente iria rir-se como uma histérica, faria uma careta ridícula e sopraria para as unhas rosadas antes de afastar o cabelo loiro e dizer algo do género: «Não sejas parva, Heather, o que vais fazer num pedaço de gelo sem mim? Somos como irmãs, precisamos uma da outra. Para de te enganar.»

Em toda a minha vida, só tive vontade de matar uma pessoa.

E essa pessoa é a Alison Breth.





2

27 de agosto

Querido diário,

Quem me dera que nada tivesse mudado. Adoraria que continuássemos a ser uma família normal e vulgar, talvez até aborrecida, mas uma família. Sempre quis acreditar que o amor era algo eterno, e não consigo deixar de me perguntar se o amor que dura menos — alguns meses, alguns anos, um par de décadas — é tão verdadeiro quanto o que perdura toda uma vida. Sinto falta do papá e, desde a separação, a mamã está estranha. Cortou o cabelo, compra muita roupa e sai mais. Gosto de a ver feliz, tem um brilho especial nos olhos, mas isso também me faz pensar em todo o tempo em que ela não foi feliz ao lado do papá e se ele já sabia que ela não o amava o suficiente, ou se ficou surpreendido quando ela decidiu divorciar-se. Talvez tente descobrir da próxima vez que o vir. Essa é a pior parte desta situação; agora só posso estar com ele um fim de semana por mês, e sinto muito a sua falta.

Não conheço ninguém em Seward. Daqui a duas semanas, inicio o ensino secundário e serei uma daquelas excluídas sociais que comem sozinhas na mesa ao fundo. Será como começar de novo. Quem me dera poder fechar os olhos e recuperar os meus amigos, a minha vida anterior, a segurança daquilo que conhecia.

Annie.